

# Contribuições do Empreendedorismo Social para o Aumento da Participação das Mulheres no Mercado de Trabalho

Vania de Fátima Barros Estivaleta, Tais de Andrade e Vivian Flores Costa

## RESUMO

Para este estudo realizou-se uma pesquisa de caráter descritivo e de natureza qualitativa, cujo objetivo é analisar a perspectiva de coordenadoras e integrantes de empreendimentos coletivos inseridos em uma incubadora social brasileira. Especificamente, serão contempladas as contribuições do empreendedorismo social, uma vez que houve aumento da participação feminina no mercado de trabalho. O contexto de análise foi definido por meio de categorias definidas a priori, baseadas em um modelo teórico que contempla as dimensões: capital humano, vontade e viabilidade, capital social, atores do ambiente social e institucional. As categorias definidas a posteriori contemplaram as categorias: empoderamento, valorização e realização pessoal. No que tange a inclusão feminina no mercado de trabalho, os resultados refletiram algumas dificuldades enfrentadas por mulheres participantes dos empreendimentos, destacando a falta de oportunidades de qualificação e participação no mercado formal. Para muitas entrevistadas, participar desses empreendimentos representou a primeira oportunidade de inclusão no mundo do trabalho.

Palavras-chaves: Empreendedorismo Social; Inclusão Feminina; Incubadora Social

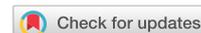
*Contributions of Social Entrepreneurship to Increase the Participation of Women in the Labor Market*

## ABSTRACT

*The objective of the study is to examine the prospect of coordinators and members of collective enterprises members of a Brazilian social incubator about the contributions of social entrepreneurship with the female increase in the participation of women in the labor market. We conducted a descriptive and qualitative research. The analysis of the context was defined a priori by defined categories, based on a theoretical model that contemplates the dimensions: human capital, will and viability, social capital, social and institutional environment actors. The categories defined a posteriori contemplated the following categories: empowerment, recovery and personal fulfillment. Regarding women's inclusion in the labor market, the results reflected some difficulties faced by women who participate in projects, with highlights to the lack of qualification, opportunities and participation in the formal market. For many interviewees, these projects represented the first opportunity for inclusion in the labor market.*

Keywords: *Social Entrepreneurship; Women Inclusion; Social incubator*

Recebido em: 31/07/2017  
Aprovado em: 08/03/2018  
Última Modificação: 11/04/2018



Vania de Fátima Barros Estivaleta 

Universidade Federal de Santa Maria  
Doutora em Agronegócio pela UFSM

[vaniaestivaleta@ufsm.br](mailto:vaniaestivaleta@ufsm.br)

Tais de Andrade 

Universidade Federal de Santa Maria  
Doutora em Administração pela UFSM

[tais0206@gmail.com](mailto:tais0206@gmail.com)

Vivian Flores Costa 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar)  
Doutoranda em Administração pela UFSM

[vivianfc13@gmail.com](mailto:vivianfc13@gmail.com)

## Introdução

O empreendedorismo social tem se consagrado como foco das agendas de pesquisa de muitos estudiosos, dada a relevância teórica e prática do seu desenvolvimento e da sua aplicação como forma de sustentar o incremento social e melhorar o bem-estar em ambientes de constantes mudanças (Jiao, 2011). Para Grimes, McMullen, Vogus e Miller (2013), o empreendedorismo social compreende os processos de empregar métodos baseados no mercado para resolver problemas sociais, pois possui amplo crescimento e popularidade. Trata-se de um campo com uma perspectiva que, essencialmente, visa compreender o negócio e o mercado não apenas como fonte de lucro, mas como atuante na redução das desigualdades sociais (Campelli, Filho, Barbejat, & Mortiz, 2011).

Para Di Domenico, Tracey e Haugh (2010), o empreendedorismo social está associado à criação de valor social, que compreende as necessidades não satisfeitas de comunidades e ambientes pobres em recursos, com enfoque na criação de algo. A crescente notoriedade do empreendedorismo social tem sido acompanhada por um espaço de análise que combina uma gama de ideias diversificadas, as quais arriscam delinear o fenômeno (Parente, Costa, Santos & Chaves, 2011). Em especial, um dos focos de estudo sobre a temática aponta para modelos de negócios com o direcionamento para a criação de valor social, por meio de atividades caracterizadas pela inovação (Zahra, Rawhouser, & Bhawe, 2008).

Diante desses argumentos, percebe-se que o empreendedorismo social pode contribuir com o processo de inclusão feminina no mercado de trabalho, especialmente nos países de baixa renda em que os indivíduos vivenciam a falta de igualdade de oportunidades e a exclusão social (Pines, Lerner & Schwartz, 2010).

Assim, o empreendedorismo social pode contribuir com o empoderamento e valorização feminina, ao promover sua inclusão social e profissional, fornecendo subsídios que permitam às mulheres conquistar sua emancipação e liberdade, por meio do aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho. Além disso, a participação em empreendimentos sociais pode fomentar o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades profissionais, estimulando as mulheres a explorar recursos que viabilizem, de forma sustentada, novas oportunidades de trabalho (Jonathan, 2011).

Desta maneira, tendo como objeto de estudo mulheres participantes de três empreendimentos coletivos que integram uma Incubadora Social implantada por uma Instituição Federal de Ensino Superior do Brasil, buscou-se responder a seguinte questão central de pesquisa: *De que modo o empreendedorismo social pode contribuir com o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho?*

Frente a tal colocação, a fim de ampliar as investigações sobre o tema, este estudo tem como objetivo analisar a perspectiva de coordenadoras e integrantes de empreendimentos coletivos inseridos em uma incubadora social brasileira, a respeito das contribuições do empreendedorismo social com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho.

Nas seções dois e três são apresentados os pressupostos teóricos relacionados ao empreendedorismo social e a inclusão feminina no mercado de trabalho por meio das perspectivas do empreendedorismo social, respectivamente. Na seção quatro são enfatizados os aspectos metodológicos relacionados à coleta e análise dos dados. Na seção cinco são analisados os resultados e, por fim, na seção seis são detalhadas as considerações finais, limitações e sugestões para pesquisas futuras.

## Empreendedorismo social

O empreendedorismo, sob uma nova ótica, vem emergindo e impulsionando novas formas de desenvolvimento social e humano, baseando-se em novos paradigmas de atuação, os quais partem dos anseios e demandas das bases comunitárias e contemplam iniciativas sociais antes pouco consideradas (Melo Neto & Froes, 2002; Cruz, 2013). Este novo paradigma de desenvolvimento, considerado uma subdisciplina do campo de empreendedorismo (Certo & Miller, 2008), é denominado de empreendedorismo social.

Diante de tal relevância, nota-se também, no limiar do século XXI, um crescente interesse acadêmico acerca da temática (Hoogendoorn, Pennings, & Thurik, 2010), a qual tem configurado uma literatura que aborda vários domínios (Rametse & Shah, 2013) e que não apresenta um consenso em torno de seu significado (Dacin, Dacin, & Matear, 2010; Weerawardena & Mort, 2006).

Para facilitar a compreensão do tema, Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006) abreviam que comum em todas as definições é o fato de que a unidade subjacente para o empreendedorismo social é criar valor social, ao invés de riqueza pessoal e dos acionistas, e que a atividade é caracterizada pela inovação, em vez de meramente a réplica de empreendimentos ou práticas existentes. Corroborando, Zahra, Rawhouser e Bhawe (2008) salientam que o foco do empreendedorismo social parece estar sobre o uso de modelos de negócios que compreendem a criação de valor social, os quais estabelecem a utilização do pensamento econômico para gerar riqueza social.

Além disso, cabe destacar que como um conceito emergente, o empreendedorismo social deve ser examinado em um quadro integrado que incorpore os seus antecedentes e seus consequentes (Zahra, Rawhouser, & Bhawe, 2008). Nesse sentido, Weerawardena e Mort (2006), abalizam o empreendedorismo social como um construto multidimensional, delimitado para a criação de valor social e que considera as dimensões inovação, proatividade e gestão de risco dentro de um contexto que envolve a missão social, a sustentabilidade e o meio ambiente.

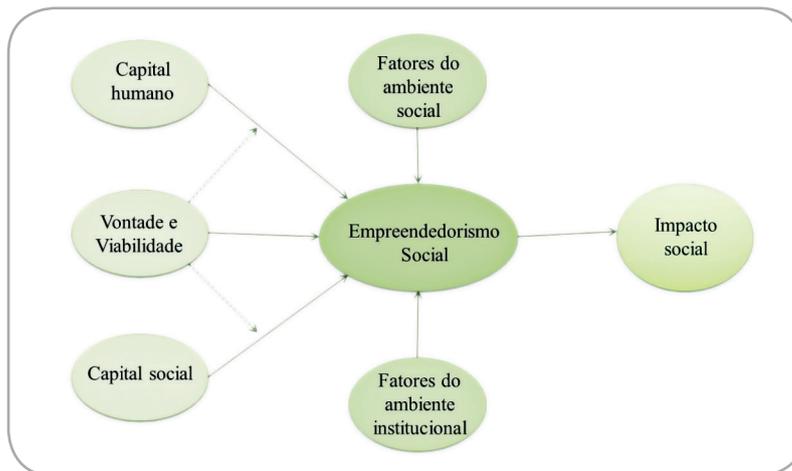


Figura 1. Modelo de empreendedorismo social

Fonte: Jiao (2011).

O modelo de Jiao (2011) possui como antecedentes fatores individuais e ambientais. Em relação aos fatores individuais destacam-se o capital humano, a vontade e a viabilidade do empreendedor e o capital social. Quanto ao *capital humano* do empreendedor social, este pode ser definido como a gama de conhecimentos e habilidades valiosas que uma pessoa tenha acumulado ao longo do tempo (Davidsson & Honig, 2003). O conhecimento do empreendedor social inclui o plano para iniciar e realizar as atividades relacionadas ao empreendimento social, abrangendo também os conhecimentos para entender seus clientes e suas necessidades, a fim de satisfazê-las com métodos inovadores (Jiao, 2011).

No entanto, como afirmam Davidsson e Honig (2003), o capital humano não é apenas o resultado da educação formal, mas inclui também experiências e aprendizado prático que ocorre no local de trabalho, bem como a educação não-formal, como cursos de formação específicos que não fazem parte de estruturas educacionais formais tradicionais. Assim, a experiência no mercado de trabalho, a experiência orientada para uma profissão específica, além das habilidades para integrar e utilizar os recursos, fazem parte do capital humano dos empreendedores sociais.

Em referência ao fator *vontade e viabilidade* do empreendedor, Jiao (2011) destaca que a intenção empreendedora é determinada pelo desejo cognitivo, relacionado ao grau de vontade do indivíduo em iniciar as atividades de empreendedorismo social e também pela viabilidade, associada à avaliação subjetiva da capacidade do empreendedor para iniciar as atividades. A vontade e viabilidade do empreendedor social são influenciadas pelos valores pessoais, pela atitude cognitiva e também pelo apoio social (Jiao, 2011). Como afirmam Elkington e Hartigan (2008), os empreendedores sociais mostram uma determinação obstinada que os impulsiona a assumir riscos e identificar soluções práticas para problemas sociais, compartilhando suas ideias e concentrando-se na criação de valor social. Assim, para Jiao (2011), um alto grau de missão social, personalidade carismática e uma crença inabalável são as forças motrizes para o empreendedorismo social. Para o referido autor, o fator *vontade e viabilidade* do empreendedor social exerce também efeito moderador sobre a relação entre o capital humano e o empreendedorismo social e entre o capital social e o empreendedorismo social.

Quanto ao fator individual *capital social* do empreendedor, Adler e Know (2002) destacam que este é gerado pela estrutura das relações sociais e pode ser mobilizado para facilitar as ações dos empreendedores. Davidsson e Honig (2003) utilizam amplamente o capital social em termos de troca social para examinar os efeitos da troca no desempenho. Como afirma Jiao (2011), as redes sociais dos empreendedores podem ser consideradas um fator importante para o sucesso do empreendimento social, pois essas relações são necessárias para o desempenho empresarial e a criação de arranjos inovadores para lidar com os problemas sociais (Dees, Emerson, & Economy, 2002).

Em relação aos fatores ambientais, destacam-se os *fatores do ambiente social* e os *fatores do ambiente institucional*. Os primeiros correspondem ao apoio recebido de terceiros, incentivo à educação e desenvolvimento de habilidades empreendedoras, financiamento dos empreendimentos sociais e monitoramento e avaliação desses empreendimentos por organizações ou instituições apoiadoras (Jiao, 2011). Já os últimos estão relacionados aos fatores do ambiente institucional, destacando-se o apoio do governo, a concorrência no setor e as políticas públicas governamentais.

O modelo proposto por Jiao (2011) sugere que o objetivo explícito do empreendedorismo social se concentra na criação de valor social, sendo o impacto social sobre a comunidade seu principal resultado (Defourny & Nyssens, 2008). Este modelo, ilustrado na Figura 1, é o empregado como referência no presente estudo e, pondera, de acordo como autor, que o empreendedorismo social tem como antecedentes chaves o capital humano, a vontade e viabilidade do empreendedor social, o capital social, os fatores do ambiente social e os fatores do ambiente institucional. Ademais, tem como principal consequente o impacto social, o qual está associado à criação de valor proposta por Weerawardena e Mort (2006).

## ■ Mercado de trabalho: um olhar sob a perspectiva da inclusão feminina

O trabalho, além de ter um caráter utilitário, significa para o trabalhador uma forma de afirmar sua identidade através das atribuições individuais inseridas por ele na realização da tarefa (Dejours, 2005). Para Kubo e Gouvêa (2012), o trabalho caracteriza-se também como uma atividade que pode proporcionar realização pessoal, status e possibilidade de estabelecer e manter relações interpessoais.

Ao considerar as relações de trabalho, Cavazotte, Lemos e Viana (2012) constataram que as mudanças tecnológicas sofridas pelo mercado nos últimos anos influenciaram diretamente a percepção do sentido do trabalho para as pessoas. Os avanços das últimas décadas, o processo de globalização contemporâneo, somado às mudanças culturais e as transformações das tecnologias de informação e comunicação têm representado grande impacto no mercado de trabalho.

Sobre este aspecto Diogo e Coutinho (2006) destacam a necessidade de analisar as contradições das atuais mudanças ocorridas no setor produtivo. Os autores defendem que a globalização diminuiu as barreiras

do conhecimento, proporcionando intenso intercâmbio social e cultural, da mesma forma que os avanços tecnológicos ampliaram as possibilidades de desenvolvimento em diversas áreas. No entanto, destaca-se que,

estas mudanças também trouxeram em seu bojo questões sociais excludentes que ameaçam grande parte da população mundial, negando-lhes o direito ao trabalho e, conseqüentemente, colocando em risco seu sustento e de suas famílias. A contradição está embutida no próprio processo, que, por um lado, gera inclusão e, por outro, exclusão (Diogo & Coutinho, 2006; p.126-127).

Para Giddens (2010), a exclusão refere-se ao modo como os indivíduos se tornam extirpados da plena participação na grande sociedade. Como destacam Pines, Lerner e Schwartz (2010), a exclusão social contempla, em suas dimensões, a pobreza ou a exclusão de rendimentos e recursos adequados, a exclusão do mercado de trabalho e das relações sociais.

As abordagens acerca da exclusão social destacam questões relacionadas às raças, etnias, minorias e gênero, sendo este último analisado, principalmente, a partir do enfoque associado às desigualdades entre homens e mulheres. Como afirma Humbert (2012), a retórica das diferenças entre homens e mulheres prevalece. As mulheres ainda são contratadas para fazer diferentes tipos de trabalho, em diferentes tipos de organização, em níveis inferiores e por salários menores (Humbert, 2012).

Na visão de Diogo e Coutinho (2006), a mulher trabalhadora, principalmente pertencente às camadas populares, sofre preconceito, discriminação, acúmulo de funções e frequentemente ocupa trabalhos não qualificados e repetitivos. Para os referidos autores, as relações entre homens e mulheres, de maneira geral, configuram-se ainda como hierárquicas, desiguais e até mesmo permeadas por mecanismos excludentes. Assim, mesmo ocorrendo inúmeras mudanças no contexto social, econômico e cultural, as mulheres ainda ocupam posição inferiorizada na sociedade (Diogo & Coutinho, 2006).

Nesse contexto, o empreendedorismo social, cujo papel é criar valor social (Austin, Severson & Wei-Skillern 2006), tem sido considerado uma forma de contribuir com a emancipação e desenvolvimento de indivíduos em desvantagem e risco social, sendo inúmeras as ações desenvolvidas para a população feminina (Jonathan, 2011; Najafizadeh & Mennerick, 2003; Neves, Guedes, & Santos, 2010). Na perspectiva da diversidade, igualdade e inclusão, o empreendedorismo pode ser visto como um meio para a inclusão das mulheres e outros grupos marginalizados, especialmente nos países de baixa renda, nos quais estas elas sofrem com a falta de igualdade de oportunidades e exclusão social (Pines, Lerner, & Schwartz, 2010).

Segundo o entendimento de Ferreira (2006), o empreendedorismo social prevalece nas mulheres, nos jovens, nos estudantes, nos reformados, nas pessoas com deficiência e nos desempregados, pois abrange setores e grupos sociais mais afetados pelo desemprego e pela adversidade.

Outro aspecto destacado por Jonathan (2011) refere-se ao papel feminino no empreendedorismo social. Para o autor, o objetivo das empreendedoras sociais com projetos voltados para mulheres consiste em promover mudanças econômicas e sociais, sendo estas transformações estimuladas pelo empoderamento feminino, que resulta numa espiral de inclusão social e profissional, bem como em maior equidade em relação ao gênero.

Nesse sentido, tal perspectiva pode estar associada a um dos tipos de empoderamento destacados por Kleba e Wendausen (2009, p. 735), como comumente é empregado no Brasil, que está associado “ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia”. Em um estudo realizado com mulheres empreendedoras, Jonathan (2011) constatou a existência de duas estratégias de empoderamento utilizadas junto à população feminina. A primeira consistiu no amplo apoio emocional através da conscientização, do fortalecimento da identidade social, da melhoria da autoestima e da valorização. Já a segunda estratégia teve como enfoque a inclusão social e profissional, através da assistência legal às mulheres, promovendo o incremento de seus conhecimentos e habilidades, em prol de novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho (Jonathan, 2011).

Para Oliveira (2017), ao analisar a perspectiva sobre gênero e trabalho, constata-se ainda que

apesar do discurso, os dados mostram que ainda existe, mesmo na economia solidária, modos diferentes de tratamento da mulher, e em alguns pontos reforçando os velhos preconceitos de diferenciação, tanto financeiros como da distribuição das tarefas e atividades produtivas tidas como exclusivas de mulheres (OLIVEIRA, 2017, p.10).

Como destacam Neumayer e Soysa (2011), o empoderamento feminino, associado à garantia de que as mulheres podem desfrutar plenamente dos mesmos direitos que os homens, sem discriminação, configura-se como normativamente desejável, além de ser instrumentalmente valioso (Neumayer & Soysa, 2011). Tal emancipação e equidade pode promover, inclusive, o desenvolvimento econômico, uma vez que as mulheres podem ampliar seu potencial como trabalhadoras produtivas (King & Mason, 2001).

Desta forma, percebe-se que o empreendedorismo social pode contribuir com o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, contribuindo com o empoderamento e valorização da mulher, reconstruindo perspectivas e cenários em prol da equidade de gênero.

## Metodologia

Este estudo utiliza como estratégia metodológica a pesquisa descritiva, a qual busca descrever características e percepções em relação a determinado fato ou objeto (Malhotra, 2006), por meio da abordagem qualitativa, com a intenção de verificar de que modo o empreendedorismo social pode contribuir com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho.

Os indivíduos entrevistados foram representados por 16 empreendedoras, incluindo coordenadoras e integrantes de três empreendimentos coletivos inseridos em uma Incubadora Social implantada por uma Instituição Federal de Ensino Superior do Brasil. A fim de preservar as identidades dos empreendimentos e das entrevistadas, foram usadas simbologias A, B e C para os projetos incubados e A1 a C5 para as entrevistadas, conforme mostra o Quadro 1.

Empreendimento	Entrevistada	Cargo/função
A	A1	Coordenadora
	A2 e A3	Integrante
B	B1 e B2	Coordenadora
	B3, B4, B5, B6, B7 e B8	Integrante
C	C1	Coordenadora
	C2, C3, C4 e C5	Integrante

Quadro 1. Entrevistados

Fonte: dados da pesquisa.

Para a coleta dos dados foi realizado um roteiro de entrevista semiestruturado contendo uma seção sobre o perfil dos entrevistados (idade, sexo, estado civil, escolaridade e tempo de participação no projeto), e outras 10 perguntas relacionadas ao empreendedorismo social e a inclusão feminina no mercado de trabalho, elaborado a partir do modelo de Jiao (2011). Destaca-se que o roteiro utilizado para as coordenadoras apresentou uma questão a mais, referente ao histórico dos empreendimentos investigados.

O contexto de análise foi definido por meio de categorias definidas a priori, com base na teoria, e a posteriori, elaboradas a partir de informações relevantes que surgiram em decorrência dos dados gerados (Bardin, 1979). Em relação às categorias definidas a priori, estas foram baseadas no modelo proposto por Jiao (2011), contemplando as dimensões: capital humano, vontade e viabilidade, capital social, atores do ambiente social e institucional. Já as categorias definidas a posteriori foram estabelecidas após a geração e análise inicial dos dados da pesquisa, contemplando as categorias empoderamento, valorização e realização pessoal. A Figura 2 ilustra o desenho de pesquisa, apresentando as categorias de análise selecionadas para o estudo.

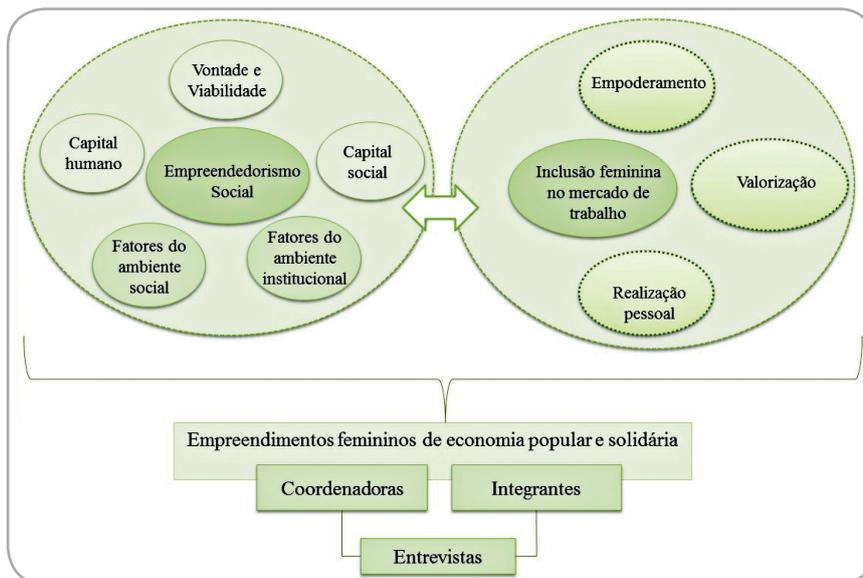


Figura 2. Categorias de análise a priori e a posteriori

Fonte: elaborado pelas autoras, com base em Jiao (2011), e dados da pesquisa.

As entrevistas individuais em profundidade foram realizadas em março de 2016 e tiveram a duração de aproximadamente 40 minutos e foram gravadas e transcritas com permissão dos entrevistados. Após esses procedimentos, realizou-se o tratamento e interpretação dos dados qualitativos, valendo-se da análise de conteúdo que, segundo Bardin (1979), abrange as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo evidente da comunicação, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem das mensagens.

## Resultados

O presente tópico contempla os resultados do estudo, alinhados com o objetivo proposto na parte introdutória. Deste modo, após uma breve disposição do perfil das entrevistadas, realizada a partir dos dados contemplados no Quadro 2, os resultados são ponderados por meio de dois enfoques, dispostos nas seções subsequentes.

Empreendimento	Entrevistada	Idade	Estado civil	Escolaridade	Tempo no empreendimento
A	A1	45 anos	Casada	Ensino médio	1 ano
	A2	40 anos	Solteira	Ensino médio	7 anos
	A3	43 anos	Casada	Ensino médio	4 meses
B	B1	57 anos	Divorciada	Ensino médio	4 anos
	B2	52 anos	Viúva	Ensino médio	4 anos
	B3	16 anos	Solteira	Ensino médio incompleto	4 anos
	B4	34 anos	Solteira	Ensino fundamental	1 ano
	B5	60 anos	Casada	Ensino superior	4 anos
	B6	42 anos	Divorciada	Ensino fundamental	8 anos
	B7	48 anos	Viúva	Ensino superior	4 anos
	B8	42 anos	Casada	Ensino superior	1 ano
C	C1	62 anos	Casada	Ensino médio	12 anos
	C2	58 anos	Casada	Ensino superior	12 anos
	C3	69 anos	Divorciada	Ensino médio	4 anos
	C4	66 anos	Solteira	Ensino médio	17 anos
	C5	69 anos	Divorciada	Ensino Médio	4 anos

Quadro 2: Perfil dos entrevistados

Fonte: dados da pesquisa.

Portanto, em relação ao perfil, salienta-se que, conforme previamente descrito, a presente pesquisa entrevistou 16 empreendedoras sociais, incluindo coordenadoras e integrantes de três empreendimentos coletivos de economia popular e solidária do setor de artesanato, as quais possuem entre 16 e 69 anos de idade, sendo que grande parte destas possui mais de 40 anos. Sobre o estado civil, verifica-se que a maioria é casada e, quanto à

escolaridade, a maioria possui o ensino médio. Quanto ao tempo de atuação no empreendimento, constata-se que as entrevistadas participam dos empreendimentos há cerca de quatro anos ou mais.

## Empreendedorismo social

Os fenômenos empresariais voltados para o desenvolvimento econômico têm recebido há vários anos uma vasta atenção acadêmica (Klyver & Scott, 2011), enquanto o empreendedorismo como um processo para promover o progresso social apenas recentemente atraiu o interesse de pesquisadores. No entanto, a relevância do campo vem sendo cada vez mais evidenciada, principalmente devido ao fato de ser considerado como uma tendência que define o século XXI (Mair & Marti, 2006). Tendência esta que, para Mair e Marti (2006), contempla um profissional inovador e uma sustentável abordagem para a promoção de mudanças sociais que visam resolver falhas no sistema social e estimular oportunidades, como a demanda da inclusão das mulheres no mundo do trabalho.

Mas de que modo o empreendedorismo social pode contribuir, especificamente, com esse aspecto da inclusão feminina? Para Jiao (2011), cabe compreender, primeiramente, a perspectiva dessas mulheres quanto algumas variáveis-chaves que compõem o modelo de empreendedorismo social, como a vontade e a viabilidade. Segundo o autor, a vontade relaciona-se com o grau de anseio de principiar as atividades de empreendedorismo social e a viabilidade com a avaliação da capacidade da empreendedora social para começar as atividades. As constatações quanto à vontade estão ilustradas nas falas de B4 e C1, enquanto a viabilidade nas de A3 e B3.

Eu me apaixonei pelo projeto, sabe. E daí, assim ó: eu mais entrei pra preenchê aquele tempo que eu tinha vazio de tudo (...). de vontade de produzi, sabe. (Entrevistada B4).

Tem que ter persistência sempre, né, não deixar de lutar. Como eu te disse que gosto muito daquilo que faço, então eu continuo lutando e acredito que esse projeto vai ajudar assim num grande passo. (Entrevistada C1).

Eu decidi porque achei que era uma oportunidade né, de *melhora – melhora* meu ramo (...). porque tem certas coisas que eu não sei *fazê*, e ela sabe *né*, a gente vai aprendendo juntas. (Entrevistada A3).

Eu nunca tinha participado assim, a gente tinha antes lá na creche (...). a gente tinha um grupo, mas eu me sentia muito *pra* baixo (...). agora sim dá pra dizer que é um grupo de verdade, eu queria fazer um chinelo uma colega me ajudou (...). eu me sinto muito feliz, sei que posso realizar tudo o que eu quero, o que eu não sei, eu posso contar com ajuda. (Entrevistada B3)

Por meio dos dados obtidos, percebeu-se que a maioria das mulheres pesquisadas possuem o anseio indicado como necessário para se envolver com a consolidação dos empreendimentos. Nos trechos destacados, elas elucidam que a vontade está principalmente relacionada à possibilidade de fazer aquilo que gostam, de sentir-se útil e ter persistência diante dos desafios. Ainda, quanto à viabilidade, notou-se que as entrevistadas não se sentem, ainda, com uma capacidade empreendedora elevada. Contudo, elas ponderam que a viabilidade está em saber tirar o máximo proveito das oportunidades e focar na aprendizagem que a inserção nesses projetos pode proporcionar.

Segundo Jiao (2011), outro aspecto importante a ser analisado versa sobre a gama de competências que um sujeito tenha acumulado ao longo de sua vida, isto é, aquilo que representa o seu capital humano. Ao contribuir, Martin, McNally e Kay (2013) evidenciam que, comumente, as avaliações do capital humano abrangem o nível de educação, bem como outras experiências de vida pessoal e profissional. Em especial, quanto à educação, verificou-se que, no geral, as entrevistadas possuem um baixo nível educacional, destacando-se uma maior ocorrência de mulheres que possuem o nível médio. Nesse sentido, Oliveira e Schmidt (2007) explicam que o empreendedorismo social pode ser considerado uma das apostas para a qualificação de pessoas com baixa escolaridade, desde que se considerem estratégias de geração de trabalho e renda adequadas ao perfil das empreendedoras.

Além disso, para Jiao (2011), há também um amplo acordo de que o capital social ou os recursos que os empreendedores podem ter acesso por meio de suas redes pessoais (Adler & Knwon, 2002) sejam fundamentais para o desempenho de seus empreendimentos. Como destacam Stam, Arzlian e Elfring (2014), é o capital social que permite identificar as oportunidades, mobilizar os recursos e construir a legitimidade dos negócios. Para compreender mais esse fator individual do modelo de empreendedorismo nos empreendimentos sociais investigados, destacam-se os seguintes depoimentos:

Entrei quando o projeto já *tava* andando, né, através da Cleuza. A Cleuza já me conhecia – ela sabe que eu gostava de alimentação... Daí ela viu que eu *tava meia bamba* das *perna...chamô* a gente...aí eu entrei também no projeto. (Entrevistada A2)

Aí resolvemos ter uma professora, *resolveu chama* a Cristina *pra* nossa professora, nós já *tinha* o projeto, só não tinha no papel. Ela veio *ensina* chinelo, *ensino* nós a *fazê* vaso, *ensino* nós *fazê* esses *taréco* aqui. (Entrevistada B2)

A professora *tá* nos auxiliando e agora ela vai, *tô* sabendo com um grande prazer, que ela vai nos auxiliar mais vezes assim, né, *pra* nos ajudar, que tem algumas dúvidas ainda, então ela *tá* encaminhando. (Entrevistada C1)

Eu acho que a incubadora pode contribuir, no sentido assim ó, de nos dar condições de qualificar o nosso trabalho, né... Nos orientar a abrir, toda a parte administrativa e jurídica também, entende? Acho que isso é muito importante, porque aquela história né... A gente precisa de todo suporte por trás, né. (Entrevistada C5)

Tais ponderações sinalizam como está constituído, de um modo geral, o capital social relacionado aos projetos das mulheres investigadas. Nota-se, primeiramente, que em sua composição aparecem tanto as relações entre a própria equipe do projeto, quanto de indivíduos externos, como é o caso dos professores mencionados e da própria incubadora, visto que se tratam de empreendedoras sociais que estão atuando em projetos incubados em uma instituição federal de ensino superior. Além disso, percebe-se que há um reconhecimento, por parte das entrevistadas, da importância dessas relações para o sucesso do empreendimento social.

Por fim, Jiao (2011) aponta dois fatores ambientais como impactantes sobre o lançamento e continuação da implementação do empreendedorismo social: os fatores do ambiente social e os fatores do ambiente institucional. Os primeiros referem-se aos fatores como o apoio recebido de terceiros e

o incentivo à educação e desenvolvimento de habilidades empreendedoras (Jiao, 2011). Os relatos destacados a seguir demonstram a perspectiva das entrevistadas acerca dos fatores do ambiente social:

Olha, por isso que eu te digo, se a gente tivesse o apoio, né, jurídico, *pra gente podê abri* logo, né, nosso estabelecimento lá. É lógico que ia *dá certo* aqui. Porque aqui o projeto é a incubação, então é *pra abrí*, né, uma cooperativa, uma coisa. (Entrevistada A3)

Ela vê onde nós vamos comprar, vamos vender, sabe? Ela divide tudo, não, agora eu quero que elas vejam o valor de cada etapa (...). Então a primeira coisa é a capacitação delas. (...). Cada etapa do desenvolvimento da incubadora nós *tamo* encontrando, tendo ajuda de profissionais, tipo, dos professores, das bolsistas, né... então tá tudo começando, entendeu. (...). Eu quero preparar elas *pra* se microempresárias, sabe? (Entrevistada B1)

Ah, a colaboração da incubadora é muito importante, né. A menina *falô* ali nos cursos que podem *dá...* sobre venda, né. Eu acho que é muito importante tudo isso. (Entrevistada B7)

Por se tratarem de projetos incubados, nota-se nos relatos uma ênfase ao papel da Incubadora, bem como de seus membros no processo de incremento do empreendedorismo por estas mulheres. Mesmo ao sinalizar algumas expectativas ainda não supridas no que tange a fatores do ambiente social, avultam que é com o apoio e com as oportunidades disponibilizadas pela sociedade que estão obtendo as ideias criativas para suas atividades e, em especial, as capacitações necessárias para os seus desenvolvimentos pessoal e profissional.

No que tange aos fatores do ambiente institucional, Scott (2014) sinaliza a importância de se compreender que as instituições podem ser caracterizadas como arranjos de elementos cognitivo-culturais, normativos e regulativos que, em conjunto com as atividades e os recursos associados, proveem estabilidade e significado à vida social. Na visão de Jiao (2011), esses fatores abrangem, essencialmente, o apoio do governo, a concorrência no setor e as políticas públicas governamentais (Jiao, 2011). Assim, sob esse aspecto, evidenciam-se as falas dispostas a seguir:

Mas como a gente depende de um selo, de um cadastro, *pra* alguma coisa, eu vejo que a Prefeitura é meio deficiente *pra* isso. A gente sabe que tem gente que vende as coisas lá, mas tu também não *qué botá* um produto ali que daqui a pouco chega um fiscal da prefeitura e te tira tudo, né. (...). É difícil de tu legaliza uma coisa. (...). Né, pra ti *podê* entregar teu produto, *podê* expor, né, *pra* daqui a pouco tu tá legal. Assim o município também se beneficiaria. (Entrevistada A2)

Falta (políticas governamentais e incentivos). porque não adianta chegar pra ti e te *dizê* que eu "sô amiga da primeira dama". Ser amiga é uma coisa, ela *apoiá...* tu *apoiá* o meu projeto é outra. (Entrevistada B2)

Essa é uma cidade muito difícil da gente trabalhar, existe bastante gente que faz artesanato, não diria assim que são artesões, né, mas eles fazem. *Tão* ali, *tão* vendendo em shopping, *tão* vendendo aqui, *tão* vendendo ali. Mas são bastante carentes da qualidade né, e nós não temos um lugar *pra* expor, hoje a gente depende assim de *feras*. (Entrevistada C1)

Conforme apurado nos relatos das entrevistadas, há uma insatisfação dos membros dos projetos incubados em relação ao apoio do governo, principalmente no que tange ao fornecimento de incentivos a formalização dos projetos e a disponibilização de recursos. Ademais, as empreendedoras sociais sinalizam a dificuldade de atuação em um mercado que possui elevada concorrência e é permeado pela informalidade.

Ressalta-se que, por meio da análise de algumas variáveis individuais e ambientais que afetam o processo de empreendedorismo social, pode-se conhecer um pouco mais acerca da realidade dos projetos empreendidos pelas mulheres que são foco deste estudo. A partir disso, estabelece-se, no próximo tópico, uma discussão que objetiva esclarecer como tal realidade tem se configurado uma forma de inclusão social e profissional para as investigadas.

### Aumento da participação feminina no mercado de trabalho: empoderamento, valorização e realização pessoal por meio do empreendedorismo social

A participação nos empreendimentos de economia popular e solidária tem representado, para as mulheres investigadas neste estudo, uma forma de inclusão social e profissional, refletindo no empoderamento, na valorização e na realização pessoal. Tais perspectivas corroboram com os argumentos defendidos por Jonathan (2011) de que o empreendedorismo social pode contribuir com a emancipação de grupos em desvantagem social, fornecendo subsídios e incentivos para o desenvolvimento e crescimento profissional, valorização e autonomia dos sujeitos.

Para muitas mulheres, participar desses empreendimentos foi a primeira oportunidade de inclusão no mercado de trabalho e qualificação, pois a maioria das entrevistadas, além de possuir baixa escolaridade, não tinha experiência no mercado de trabalho formal, como pode ser evidenciado nos depoimentos:

Sempre foi assim, dona de casa (...). Eu me casei com meus 19 anos. A vida toda, e *daí* eu fui dona de casa, o meu marido viajava. *Daí* naquela época não podia, deus me livre, dona de casa tinha que ser dona de casa. E *daí* eu não trabalhei fora, eu fiquei em casa. (Entrevistada C3)

Como eu *tava* desempregada, tudo né - não tinha nada o que *fazê*, eu achei interessante, né, para mim *tê* uma ocupação, né. *Aprendê a fazê* as coisas também, né. *Pra mim podê fazê* pra mim também." (Entrevistada B3)

Ai, eu não tinha nada *pra fazê* (...), Agora eu venho pra cá eu faço, eu converso com vocês... isso é tão bom, né. Eu até esqueço que meu filho tem problema com droga, *que sabe*, que a minha filha *tá* grávida e o marido *tá* preso. Essa coisa né, bem assim. (Entrevistada B6)

Tais constatações suscitam algumas reflexões, uma vez que a exclusão do mercado de trabalho aumenta a risco de exclusão social (Giddens, 2010). Como afirmam Diogo e Coutinho (2006), na divisão do trabalho quanto ao gênero, observa-se maior dificuldade de inclusão das mulheres, pois sua força de trabalho é social e culturalmente desvalorizada, possuem baixa qualificação profissional, frequentemente são obrigadas a pautar suas possibilidades de inserção laboral nas suas responsabilidades domésticas e familiares, ocasionando dupla jornada de trabalho.

A participação nesses empreendimentos tem possibilitado oportunidades de inclusão social e também desenvolvimento e crescimento profissional. Como afirma a entrevistada B6, "*Tudo isso ele (o projeto). preencheu. Esse vazio todo (...). Agora representa, assim ó, uma perspectiva de futuro, sabe, pelo grupo. Um retorno pra mim. E assim, como profissão, como emprego.*

É isso que eu imagino”. Corroborando essa perspectiva, a coordenadora de um dos empreendimentos destaca que “o projeto vai levar as mulheres a ter uma profissão para uma autossustentação depois” (Entrevistada B1).

O sentimento de pertencer a um grupo de apoio e união foi percebido na maioria dos relatos, da mesma forma que a convivência e a oportunidade de aprendizado com o grupo foram evidenciadas como aspectos muito importantes pelas participantes. Percebeu-se que as contribuições do projeto vão muito além de qualificar o trabalho e dar moldes a um negócio. Acima de tudo, promove o resgate de pessoas antes excluídas por uma situação social alheia a sua vontade, porém arrebatadora nas suas consequências.

A participação nesses empreendimentos sociais tem incentivado também o empoderamento de muitas mulheres, que até então dedicavam-se exclusivamente às atividades domésticas e informais, possibilitando uma nova perspectiva de vida e um estímulo para a busca de superação, qualificação e independência, como pode ser ilustrado nos relatos:

Eu me sentia muito pra baixo (...). Hoje eu me sinto muito feliz, sei que posso realizar tudo o que eu quero. O que eu não sei, eu posso contar com ajuda (...). Tudo o que eu quero, eu vou conseguir, vencer meus desafios, sucesso pessoal. (Entrevistada B5)

Isso aqui tá sendo um desafio, né. Se unir em prol de uma coisa e lutar ali. E ali a gente une tudo numa coisa só. (Entrevistada A3)

Eu acho que representa assim... tu *podê* ter o teu dinheiro, ter tua vida, ter tuas coisas. Entende? Tu *podê dizê* que aquilo é teu. Que tu adquiriu aquilo com o teu trabalho. Não depende de ninguém, não depende do marido *prá* comprar uma blusa, do irmão pra dar 10 reais (...). Mais importante é a vida profissional da gente, porque a partir daí tu pode qualquer coisa, né. (Entrevistada B6)

Como destacou a coordenadora de um dos empreendimentos (Entrevistada B2), fazer parte do projeto tem sido encarado também como uma forma de despertar nessas mulheres o sentimento de que é possível mudar suas vidas, que elas podem tornar-se “mulheres de verdade”, que podem ganhar seu próprio dinheiro e que precisam ir à luta. A participação no grupo representa também uma forma de motivar as participantes a buscarem melhorar sua condição financeira.

Uma das entrevistadas demonstrou que através do trabalho no grupo houve a possibilidade de contribuir com a mudança da realidade de sua família e também da comunidade. As atividades iniciais do grupo ocorreram na sua própria casa e aos poucos ela foi mobilizando outras mulheres que estavam em situação de vulnerabilidade social. Através dessa iniciativa, essa empreendedora conseguiu mudar, inclusive, as perspectivas de futuro de alguns de seus familiares.

Nesse sentido, como afirma Jonathan (2011), as empreendedoras sociais, com projetos voltados para mulheres, proporcionam o empoderamento feminino, promovendo mudanças econômicas e sociais, por meio do apoio emocional e da promoção de sua inclusão social e profissional. Além disso, como afirma o autor, “os benefícios sociais se multiplicam, uma vez que as mulheres ainda são as maiores responsáveis por cuidar da família e muitas são também as principais responsáveis por sua manutenção” (Jonathan, 2011, p.19).

Outro aspecto evidenciado pelas entrevistadas refere-se à valorização das mulheres participantes dos projetos, pois algumas delas vivenciavam situações de violência doméstica, submissão e falta de perspectiva de mudança diante do futuro. Assim, participar desses empreendimentos trouxe um significado profundo na vida dessas mulheres, possibilitando a percepção de que “*elas têm lugar na sociedade*” (Entrevistada B2). Esses aspectos podem ser visualizados nos depoimentos a seguir:

Eu me sinto importante, valorizada, A gente espera o crescimento (...). A gente vai empurrando e levando em frente. A gente se sente bem. (Entrevistada B4)

Eu me sinto bem conviver com o grupo e o grupo tá crescendo cada vez mais, é muito bom, a gente faz tudo junto, tu *aprende* a ser relacionar, tu aprende a falar com as pessoas. Eu até consigo agora ficar aqui conversando contigo porque eu tenho muito vergonha (...). Tudo que eu quero eu vou conseguir, vencer meus desafios, sucesso pessoal. (Entrevistada B5).

Como afirmam Shaw e Carter (2007), o empreendedorismo social tem sido identificado como uma forma inovadora de abordar as necessidades socioeconômicas não satisfeitas, por meio do pensamento inovador, fornecendo soluções criativas para questões prementes, a fim de produzir mudançassociais. Taismudançasãofavorecidasnãosó peloempoderamento, mas também pela valorização das mulheres que têm incentivado a busca por desenvolvimento e crescimento profissional, contribuindo potencialmente para a transformação no sistema social e econômico, de forma progressiva e contínua (Najafizadeh & Mennerick, 2003).

Sob este aspecto, algumas entrevistadas reforçaram a ideia de que a atuação no empreendimento social trouxe mudanças para a sua vida e de outras mulheres, proporcionando o incentivo para a busca de autonomia e evolução contínua, como pode ser ilustrado nos depoimentos:

*Entra* no projeto foi um meio de *pensa* assim: agora eu *vô pode* trabalha somente com isso. Aqui a gente tá dando uns passos pra *pode andá* com as próprias pernas, né. (Entrevistada B4)

Eu acho que a gente nunca deve parar. Nunca deve parar e sim saber aonde a gente quer ir e chegar (...). Ah, em aprender coisas novas. (Entrevistada C4)

Outro aspecto ressaltado pela maioria das entrevistadas refere-se à realização pessoal em trabalhar nos empreendimentos sociais. Como afirmam Tolfo e Piccinini (2007), a partir da análise dos estudos do grupo MOW - *Meaning of Work International Research Team* (1987), a realização pessoal está associada ao trabalho que proporciona prazer por meio de diversos motivos e fontes. Além disso, o trabalho caracteriza-se como agente de relações sociais, podendo proporcionar realização tanto a nível pessoal quanto profissional. Os relatos a seguir demonstram tais perspectivas.

Eu gosto de trabalhar junto com outras pessoas, eu gosto de integração. Eu sinto muita alegria, entende, é uma coisa muito gostosa (...). Eu me sinto bem com o que eu faço (Entrevistada C5)

Muito realizada, eu sou uma pessoa muito feliz. (Entrevistada B5)

O meu prazer, eu gosto do que eu faço (...). Então eu continuo lutando e acredito nesse projeto (Entrevistada C1)

Eu me sinto privilegiada em trabalhar com eles lá embaixo, sabe? (...). Então a minha satisfação ainda foi melhor, eu aprendi muito com a mulherada lá. Um orgulho (Entrevistada B1)

Eu gosto muito de desafio. Gosto de *tá* sempre com essas novidades (...). sempre no desafio eu faço o máximo que dá, de me comprometer. Então é isso que eu *tô* fazendo agora. (Entrevistado A2)

Nesse sentido, percebe-se que grande parte das entrevistadas demonstra o sentimento de realização pessoal, principalmente por participar de um empreendimento social que proporciona a interação e o suporte interpessoal, agregando perspectivas de crescimento profissional e emancipação.

Assim, de maneira geral, os achados desse estudo remetem à compreensão de que o empreendedorismo social tem contribuído para o empoderamento, a valorização e a realização pessoal feminina, trazendo implicações que vão além do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, incluindo a esperança e perspectiva de crescimento profissional e equidade, que até então estavam distantes da realidade dessas mulheres. Ao contemplar tais perspectivas, os empreendimentos sociais cumprem seu papel na criação de valor social, promovendo a transformação social através da inclusão.

## Considerações finais

O presente estudo buscou articular, particularmente, os temas de empreendedorismo social e aumento da participação feminina no mercado de trabalho. Para tanto, analisou-se a perspectiva de coordenadoras e integrantes de empreendimentos coletivos de economia popular e solidária, acerca das contribuições do empreendedorismo social com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho.

Para o cumprimento desse propósito, iniciou-se com a consideração dos antecedentes chaves ou atributos referentes ao processo de empreendedorismo social presentes nos empreendimentos desenvolvidos pelas pesquisadas. No que tange aos aspectos individuais, os resultados obtidos indicaram que as mulheres pesquisadas possuem um baixo nível educacional, destacando uma maior ocorrência de mulheres que possuem o nível médio. Tais resultados sinalizam para limitações que podem ocorrer em relação ao crescimento profissional dessas mulheres, principalmente decorrentes às demandas e conhecimentos exigidos para futuras inovações tecnológicas do segmento. No entanto, percebeu-se também o anseio necessário para se envolver com a consolidação dos empreendimentos sociais e o reconhecimento da importância das suas relações para o sucesso do empreendimento social, havendo a consideração de que o capital social dos empreendimentos está composto, sobretudo, pelas relações entre a própria equipe do projeto e pelos indivíduos externos.

Quanto aos fatores ambientais, verificou-se uma ênfase ao papel da Incubadora, bem como de seus membros no processo de incremento do empreendedorismo por estas mulheres. Porém, foi demonstrada uma insatisfação por parte das entrevistadas em relação ao apoio do governo. Ademais, as empreendedoras sociais sinalizaram a dificuldade de atuação em um segmento que possui elevada concorrência e informalidade.

Na sequência, ao se versar mais especificamente sobre a inclusão feminina no mercado de trabalho, os resultados do presente estudo refletiram algumas dificuldades enfrentadas por mulheres participantes dos empreendimentos de economia popular e solidária, durante sua trajetória de vida. Sobre isso, destaca-se a falta de oportunidades de qualificação e de participação no mercado formal. Para muitas entrevistadas, participar desses empreendimentos representou a primeira oportunidade de inclusão no mundo do trabalho. Outro achado de destaque refere-se ao empoderamento feminino, conquistado por inúmeras entrevistadas por meio da participação nos empreendimentos sociais, o que tem possibilitado novas perspectivas de vida, autonomia e emancipação.

Além disso, deve-se considerar que a participação nesses empreendimentos possibilitou a valorização feminina, despertando o sentimento em muitas mulheres de que “elas têm lugar na sociedade”. A interação com o grupo, as oportunidades de qualificação e desenvolvimento pessoal e profissional têm contribuído com a realização pessoal dessas mulheres, contribuindo, inclusive, com a sua autoestima.

Sob o ponto de vista teórico, o presente trabalho revelou algumas evidências que podem contribuir tanto para o avanço do conhecimento científico acerca do empreendedorismo social e o trabalho feminino, quanto para a investigação de situações reais. Esses avanços podem trazer algumas implicações para as organizações, trabalhadores e prática profissional como um todo.

Como limitações da pesquisa evidencia-se a utilização da abordagem qualitativa que, mesmo sendo de extrema importância para compreensão dos resultados, apresenta limitações quanto a sua abrangência. Outro aspecto refere-se ao número de entrevistadas, o qual pode não ter expressado com perfeita fidedignidade as concepções das empreendedoras sociais.

Portanto, para pesquisas futuras, sugere-se aprofundar o estudo da temática incluindo estudos quantitativos, além de ampliar as pesquisas para empreendimentos de outros segmentos, incluindo também outras regiões do país, de modo a estabelecer uma análise comparativa. Ademais, considera-se que um maior aprofundamento do estudo poderia ser obtido com a agregação de outras técnicas de coleta de dados. Por fim, sugere-se o emprego de uma abordagem longitudinal, a qual pode permitir uma visão mais densa da problemática em pauta.

## Referências

- Adler, P.S., & Know, S.W. (2002). Social capital: prospects for a new concept. *Academy of Management Review*, 2(1), 17-40.
- Alvord, S. H., Brown L. D., & Leets, C. W. (2004). Social entrepreneurship and societal transformation. *Journal of Applied Behavioral Science*, 40(3), 260-282.
- Austin, J., Stevenson, H., & Wei-Skillern, J. (2006). Social and Commercial Entrepreneurship: Same, Different, or Both? *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(1), 1-22.

- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Campelli, M. G. L., Filho, N. C., Barbejat, M. E. R. P., & Mortiz, G. O. (2011). Empreendedorismo no Brasil: situação e tendências. *Revista de Ciências da Administração*, 13(29), 112-132.
- Cardoso, T. O., Gomes, A. F., Santana, W. G. P., & Fagundes, M. V. C. (2014). Recicla Conquista E Itairó: A Experiência De Mulheres No Cooperativismo De Materiais Recicláveis. *Anais do VIII EGEPE – Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas: Goiânia, Goiânia, GO, Brasil*, 1.
- Cavazotte, F. S. C. N., Lemos, A. H. C., & Viana, M. D. A. (2012). Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais. *Cadernos EBAPE. BR*, 10(1), 162-180.
- Certo, S. T., & Miller, T. (2008). Social entrepreneurship: key issues and concepts. *Business Horizons*, 51(4), 267-271.
- Cruz, G. (2013). As duas faces do empreendedorismo social. *Revista Eletrônica do Mestrado em Administração da Universidade Potiguar*, 4(1), 9-20.
- Dacin, P. A., Dacin, M. T., & Matear, M. (2010). Social Entrepreneurship: Why We Don't Need a New Theory and How We Move Forward From Here. *Academic of Management Perspectives*, 24(3), 37-57.
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of business venturing*, 18(3), 301-331.
- Dees, J. G., Emerson, J., & Economy, P. (2002). *Enterprising nonprofits: A toolkit for social entrepreneurs* (Vol. 186). John Wiley & Sons.
- Defourny, J., & Nyssens, M. (2008). Social enterprise in Europe: recent trends and developments. *Social enterprise journal*, 4(3), 202-228.
- Dejours, C. (2005). *O fator humano*. (5a ed). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Diogo, M. D., & Coutinho, M. C. (2006). A dialética da inclusão/exclusão e o trabalho feminino. *Interações*, 11(21), 121-142.
- Elkington J. & Hartigan, P. (2008). *The power of unreasonable people: how social entrepreneurs create markets that change the world (leadership for the common good)*. Harvard Business Review Press.
- Ferreira, S. (2006). Empreendedorismo social, profissionalização e emprego. In *Conferência–A Economia Social e a Promoção de Emprego*.
- Giddens, A. (2010). *Sociology: introductory readings*. (3rd ed). Cambridge: Polity Press.
- Grimes, M. G., McMullen, J. S., Vogus, T. J., & Miller T. L. (2013). Studying the Origins of Social Entrepreneurship: Compassion and the Role of Embedded Agency. *Academy of management review*, 38(3), 460-463.
- Hoogendoorn, B., Pennings, H., & Thurik, R. (2010). What Do We Know About Social Entrepreneurship: An Analysis of Empirical Research. *Erasmus Research Institute of Management*, 3(1), 1-39.
- Humbert, A. L. (2012). *Women as social entrepreneurs*. Birmingham: Third Sector Research Centre (TSRC).
- Jiao, H. (2011). A conceptual model for social entrepreneurship directed toward social impact on society. *Social Enterprise Journal*, 7(2), 130-149.

- Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23(1), 65-85.
- Kleba, M. E., & Wendausen, A. (2009). Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, 18(4), 733-74.
- Klyver, K., & Scott, T. (2011). How Social Network Structure Shapes Entrepreneurial Intentions? *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 1(1), 3-19.
- King, E. M., & Mason, A. D. (2001). *Engendering Development: Through Gender Equality in Rights, Resources and Voice*. Oxford & Washington, DC: Oxford University Press and World Bank.
- Kubo, S. H., & Gouvea, M. A. (2012). Análise de fatores associados ao significado do trabalho. *Revista de Administração*, 47(4), 540-554.
- Mair, J., & Marti, I. (2006). Social Entrepreneurship Research: a Source of Explanation, Prediction, and Delight. *Journal of World Business*, 41(1), 36-44.
- Mair, J., Robinson, J., & Hockerts, K. (2006). *Social Entrepreneurship*. New York: Palgrave Macmillan.
- Malhotra, N. K. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.
- Martin, B. C., McNally, J. J., & Kay, M. J. (2013). Examining the formation of human capital in entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. *Journal of Business Venturing*, 28(2), 211-224.
- Melo Neto, F. P., & Froes, C. (2002). *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Najafzadeh, M., & Mennerick, L. A. (2003). Gender and social entrepreneurship in societies in transition: the case of Azerbaijan. *Journal of Third World Studies*, 20(2), p. 17.
- Neumayer, E., & Soysa, I. (2011). Globalization and the empowerment of women: an analysis of spatial dependence via trade and foreign direct investment. *World development*, 7(39), 1065-1074.
- Neves, E. O., Guedes, C. A. M., & Santos, K. C. (2010). Empreendedorismo social e sustentabilidade: um estudo de caso sobre o projeto "mulheres em ação jogando limpo com a natureza". *Revista Eletrônica de Ciências Empresariais*, 3(6), 76-88.
- Oliveira E. M., & Schmidt, T. M. L. V. (2007). Empreendedorismo social, gênero e territorialização: uma proposta metodológica para mapeamento de oportunidades na geração de trabalho e renda para mulheres em risco social. *Anais da III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS - Questão social e desenvolvimento no século XXI*, São Luís, MA, Brasil, 1.
- Oliveira, E. M. (2017). Economia Social e Solidária Gênero: emancipação desafios reais utopias possíveis. *Anais do I Abep*, São Paulo, SP, Brasil, 1.
- Parente, C., Costa, D., Santos, M., & Chaves, R. R. (2011). Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. *Anais do XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho Emprego e Coesão Social: da crise de regulação à hegemonia da globalização*, Lisboa, Portugal, 1.

- Pines, A. M., Lerner, M., & Schwartz, D. (2010). Gender differences in entrepreneurship: equality, diversity and inclusion in times of global crisis. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 29(2), 186-198.
- Rametse, N., & Shah, H. (2013). *Investigating Social Entrepreneurship in Developing Countries*. *World Review of Business Research*, 13 (2), 95-112.
- Sagawa, S., & Segal, E. (2000). Common interest, common good: Creating value through business and social sector partnership. *California Management Review*, 42(2), 105-122.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil Ltda.
- Scott, W. R. (2014). *Institutions and Organizations: ideas, interests and identities*. (4th ed.). California: Sage.
- Shaw, E., & Carter, S. (2007). Social entrepreneurship: Theoretical antecedents and empirical analysis of entrepreneurial processes and outcomes. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 14(3), 418-434.
- Stam, W., Arzlanian S., & Elfring, T. (2014). Social capital of entrepreneurs and small firm performance: A meta-analysis of contextual and methodological moderators. *Journal of Business Venturing*, 29(1), 152-173.
- Tolfo, S. R., & Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia e Sociedade*, 19 (1), edição especial, 28-46.
- Zahra, S. A, Gedajlovic, E., Neubaum, D. O.; & Shulman, J. M. (2009). A topology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. *Journal of Business Venturing*, 24,1 591-532.
- Zahra, S. A., Rawhouser, H. N., Bhawe, N., Neubaum D.O., & Hayton, J. C. (2008). Globalization of social entrepreneurship opportunities. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 2(2), 117-131.
- Weerawardena, J., & Mort, G. S. (2006). Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model. *Journal of World Business*, 41(1), 21-35.

## Agradecimentos

Agradecemos as recomendações dos avaliadores do presente artigo, as quais contribuíram para o aprofundamento dos temas abordados.